

**A INFLUÊNCIA DO PORTUGUÊS COMO SEGUNDA LÍNGUA: OS USOS  
LINGUÍSTICOS DOS ALUNOS TIKUNA DA ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA  
ALMIRANTE TAMANDARÉ**

Elivelton Souza Pereira<sup>1</sup>

Erotilda Ramires Castilho<sup>2</sup>

Natanael Felix Ramos<sup>3</sup>

Ana Letícia Ferreira de Carvalho<sup>4</sup>

**RESUMO:** Este artigo apresenta como temática a influência do português como segunda língua: os usos linguísticos dos alunos Tikuna da Escola Estadual Indígena Almirante Tamandaré. O objetivo desse trabalho foi investigar a influência do português como segunda língua nos usos linguísticos dos alunos tikuna no ambiente escolar e familiar. Para tanto, foram utilizados como procedimentos metodológicos questionário sociolinguístico e entrevistas. A pesquisa foi fundamentada em Hamel (1988) que fala sobre o bilinguismo social que é a coexistência ou co-presença de duas línguas nos mesmos espaços socioculturais e em Savedra (1994), que trata da questão de bilinguismo e bilingualidade. Nessa perspectiva, entende-se que, uma comunidade bilíngue é aquela em que se falam duas línguas, ou em que seus membros, ou parte deles, são bilíngues, como é o caso da Comunidade Indígena de Umariacú II, local de realização da pesquisa.

**Palavras-chave:** Ensino bilíngue. Bilinguismo. Usos linguísticos. Influência do português.

**ABSTRACT:** This article presents as a theme the influence of Portuguese as a second language: the linguistic uses of Tikuna students of the State School of Indigenous Almirante Tamandaré. The purpose of this study was to investigate the influence of Portuguese as a second language on the linguistic uses of the Tikuna students in the school and family environment. For that, sociolinguistic questionnaire and interviews were used as methodological procedures. The research was based on Hamel, (1988) who talks about social bilingualism that is the coexistence or presence of two languages in the same sociocultural spaces and in (Savedra 1994), which deals with the question of Bilingualism and Bilingual. In this perspective, it is understood that a bilingual community is one in which two languages are spoken, or which its members, or part of them, are bilingual, as is the case of the Indigenous Community of Umariacú II, place of realization of the research.

**Keywords:** Bilingual education. Bilingualism. Linguistic uses. Influence of portuguese.

---

<sup>1</sup> PEREIRA, Elivelton. 2018. Trabalho de graduação. A influência do português como segunda língua: os usos linguísticos dos alunos tikuna da Escola Estadual Indígena Almirante Tamandaré. Universidade do Estado do Amazonas-UEA, Centro de Estudos Superiores de Tabatinga-CESTB.

<sup>2</sup> CASTILHO, Erotilda Ramires. 2018. Trabalho de graduação. A influência do português como segunda língua: os usos linguísticos dos alunos tikuna da Escola Estadual Indígena Almirante Tamandaré. Universidade do Estado do Amazonas-UEA, Centro de Estudos Superiores de Tabatinga-CESTB.

<sup>3</sup> RAMOS, Natanael Felix, 2018. Trabalho de graduação. A influência do português como segunda língua: os usos linguísticos dos alunos tikuna da Escola Estadual Indígena Almirante Tamandaré. Universidade do Estado do Amazonas-UEA, Centro de Estudos Superiores de Tabatinga-CESTB.

<sup>4</sup> CARVALHO, Ana Letícia Ferreira de. 2018. Mestra em Estudos da Linguagem. Professora-Orientadora. Universidade do Estado do Amazonas-UEA, Centro de Estudos Superiores de Tabatinga-CESTB.

## **INTRODUÇÃO**

Este trabalho de pesquisa teve como objetivo investigar a influência do português como segunda língua nos usos linguísticos dos alunos tikuna do segundo ano do ensino médio, da Escola Estadual Indígena Almirante Tamandaré, na comunidade Tikuna de Umariacú II, pertencente ao município de Tabatinga-AM, que fica localizada na zona rural, à margem direita do rio Solimões. Os procedimentos metodológicos utilizados foram questionário sociolinguístico e entrevistas.

Acredita-se que a língua Tikuna é de modo geral falada na escola indígena, na comunidade e na vida cotidiana, entretanto observamos que a língua portuguesa tem ganhado espaço dentro da comunidade, em ambientes que antes eram dominados somente pela língua Tikuna. A descrição e análise dos dados serão demonstradas em gráficos e tabela. O referencial teórico baseou-se em autores tais como Maher (1994), no que diz respeito ao Ensino de Língua Portuguesa nas Escolas Indígenas; Savedra (1994), que trata da questão de Bilinguismo e Bilinguadade, Weinreich (1970 [1953]) que aborda a temática de Línguas em Contato e Hamel (1988) que fala sobre o bilinguismo social.

## **FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Conforme Hamel (1988) o bilinguismo social é a coexistência ou co-presença de duas línguas nos mesmos espaços socioculturais. Nessa perspectiva, entende-se que, uma comunidade bilíngue é aquela em que se falam duas línguas, ou em que seus membros, ou parte deles, são bilíngues.

Concordarmos com autor, a partir do bilinguismo social, já que na Comunidade de Umariacú II, existe a presença de duas línguas nos mesmos espaços socioculturais, tanto na escola como fora dela, pois os alunos, professores e parte da comunidade em geral, falam as duas línguas. Segundo Grosjean (2002),

Os motivos que levam indivíduos ou ainda comunidades inteiras a se tornarem bilíngues são vários, tais como os movimentos migratórios, por razões políticas, sociais ou econômicas, os processos de colonização, os casamentos interétnicos, federalismo político e nacionalismo e fatores culturais e educacionais. (GROSJEAN, 2002).

Assim sendo, verifica-se que não só a língua portuguesa influencia para essa situação linguística, mas também motivos econômicos e sociais. O Tikuna hoje, vende seu produto dentro e fora da comunidade como fonte de renda, outros também aderiram à política e foram eleitos vereadores. Na área educacional muitos buscam nível superior, exemplo disso é que já existem muitos indígenas formados em várias áreas do conhecimento e atualmente, no Centro de

Estudos Superiores, existe o Curso de Agroecologia para indígenas. Desse modo, a língua e os fatores socioeconômicos são determinantes para a situação linguística presente na Comunidade.

O autor acrescenta ainda, que o bilinguismo está presente em praticamente todos os países do mundo, em todas as classes sociais, em todas as faixas etárias; além do mais, estima-se que metade da população mundial é bilíngue. (GROSJEAN, 2002).

Por essa razão, faz-se necessário comentar aqui a noção de domínio de uso (domain of use), introduzida por Fishman (1972), para ajudar a entender a mobilidade linguística, já que o encolhimento dos domínios de uso de uma língua colabora para o processo de difusão de outra língua. O autor usou o termo para designar as situações linguísticas ou os ambientes/domínios de utilização de uma língua, como o lar, o trabalho, a escola, a igreja, entre outras.

De acordo com Fishman (1972), os fatores determinantes dos domínios podem incluir o tema em discussão (religião, família, trabalho, escola etc.), as relações guiadas pelos papéis dos participantes (pais e filhos, patrão e empregado, aluno e professor) e o local de interação (igreja, lar, local de trabalho, universidade, etc.). Diferentes níveis de foco também provaram ser salientes em diferentes comunidades: por exemplo, societal-institucional (família, escola, igreja, governo) versus social-psicológico (íntimo, informal, formal, intergrupo).

Esses níveis tendem a coincidir (por exemplo, família com íntimo, igreja com formal etc). Diante dessa dinâmica do contato, num ambiente que exala a diversidade, ainda é possível ouvir o uso da língua Tikuna sempre que seus falantes, transitando pelas ruas ou órgãos públicos da cidade, se dirigem a outros Tikuna. Por serem bilíngues, a maioria hoje, não necessita de outros para os auxiliarem no contato linguístico, eles frequentam bancos, cartórios, comércios, hospitais e alguns estudam ou já estudaram na cidade. O contato linguístico não se dá apenas com a língua Portuguesa, mas também com o Espanhol.

A partir dessas importantes contribuições para os estudos relacionados ao bilinguismo, foram surgindo outros pesquisadores que centraram seus estudos de bilinguismo na perspectiva do uso da língua. Dentre eles, destacamos as contribuições de Grosjean (2002), demonstrando que as ideias de que bilíngues tenham um conhecimento perfeito e equitativo de suas línguas é um mito. Ou seja, o domínio que muitos falantes têm de duas ou mais línguas pode variar quanto às habilidades (entender, falar, ler e escrever). Para esse autor, o bilinguismo pode ser definido, grosso modo, como o uso regular ou alternado que um mesmo falante faz de duas ou mais línguas em seu cotidiano.

No contexto linguístico escolar, segundo Weinreich (1953), alunos bilíngues apresentam interferências linguísticas nas produções escritas devido ao uso de duas línguas. Weinreich (1970 [1953]) afirma também, que o estudo das relações sociais pode desenvolver

um trabalho mais completo sobre o comportamento bilíngue e o desenvolvimento do bilinguismo. Nesse sentido, acreditamos que uma pesquisa sobre contato linguístico de cunho social seja necessária para se conhecer a comunidade e o contexto de uso das línguas Tikuna e Portuguesa.

O desenvolvimento do bilinguismo social nos seus diferentes tipos, mostra-se bastante complexo, dado o enredamento social e político que envolve os grupos. Entretanto, é através dos usos e funções sociais das línguas envolvidas que podemos recolher amostras sobre o que está acontecendo com as línguas e os povos. Por isso, em nossa análise, evidenciamos os usos e as funções sociais das línguas Tikuna e Portuguesa.

Segundo Weinreich (1970 [1953]), alguns fatores que fazem com que uma língua seja dominante em um sistema bilíngue são a utilidade da língua, seu papel no avanço social e seu valor literário-cultural. Desse modo, é provável que a relação entre as línguas seja a mesma para a maioria dos bilíngues em um ambiente não diferenciado. Alguns outros fatores também devem ser analisados, tais como a idade em que as línguas são aprendidas, o uso da escrita e o desenvolvimento emocional do indivíduo com as línguas. (WEINREICH, 1970 [1953]).

### **Ensino Bilíngue**

Observa-se que as sociedades indígenas apresentam um quadro complexo e heterogêneo em relação ao uso da língua materna (a língua indígena) e ao uso e conhecimento da língua oficial (o português).

Segundo Franchetto (1994), o monolíngüístico total em língua indígena é situação transitória de comunidades indígenas nos primeiros momentos do contato. Após tal observação, estabelecem-se os seguintes princípios de uma educação escolar necessariamente bilíngue: a) cada povo tem o direito de utilizar sua língua materna indígena na escola, isto é, no processo educativo oral e escrito; b) cada povo tem o direito de aprender na escola o português como segunda língua. (FRANCHETTO, 1994).

Concordamos com autora, pois na comunidade indígena de Umariáçu II, a escola oferta o ensino bilíngue e os alunos se consideram bilíngues português/tikuna. Eles têm o direito de aprenderem na escola o português como segunda língua, e isso é importante para o indígena porque facilita sua mobilidade socioeconômica, pois podem cursar a faculdade e buscar emprego fora da comunidade. É muito importante ensinar os alunos indígenas a dominarem a segunda língua ou mais línguas, porque necessitamos nos comunicar com as pessoas que não são indígenas, para entendermos o que elas estão falando em sua língua. Por isso é importante aprender outras línguas e/ou no nosso caso, sermos bilíngues.

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta seção trataremos dos procedimentos metodológicos que foram adotados nessa pesquisa. Inicialmente, foi sugerido apresentar o termo de consentimento aos responsáveis como o gestor da escola e professora da turma, os quais deram permissão para a realização desta pesquisa. A metodologia utilizada nessa pesquisa foi de base qualitativa e o público alvo deste estudo foram os educandos do 2º ano, do Ensino Médio 02, turno noturno, da Escola Indígena Almirante Tamandaré, localizada na comunidade indígena Umariacú II. A faixa etária dos participantes deste estudo variou entre 16 a 19 anos. Como instrumentos de pesquisa foram utilizados questionário sociolinguístico e entrevista, de onde foram coletados o *corpus* desta pesquisa.

A pesquisa enfocou os usos linguísticos desses alunos na escola e fora dela, para assim analisarmos até que ponto o português vem influenciando a fala desses alunos. Com a aplicação do questionário sociolinguístico, foram identificados os dados pessoais dos participantes desta investigação ao mesmo tempo em que os próprios participantes discorreram de modo espontâneo sobre o seu perfil, como nome, a sua naturalidade, do seu cônjuge, estado civil, endereço, idade, número de integrantes na família, etnia, língua materna e segunda língua. Foram distribuídos 35 (trintas e cinco) questionários, todos os alunos participaram da nossa pesquisa. Dessa forma, foram trabalhadas questões de domínios discursivos, onde foram elaboradas duas (02) questões: Que língua você usa? Que língua (s) você fala? A partir daí foram elaborados dois gráficos para a discussão dos resultados referentes às questões propostas.

### O perfil dos participantes da pesquisa

Os participantes da pesquisa foram selecionados levando-se em consideração alguns fatores extralinguísticos, tais como a idade, o gênero, o lugar de origem e a etnia. Foram selecionados trintas e cincos (35) alunos (as) Tikuna, dispostos no quadro a seguir:

Quadro 1 – Os participantes da pesquisa

FAIXA ETÁRIA	MASCULINO	FEMININO	TOTAL
16 anos	5	15	
19 anos	10	5	35

Fonte: PEREIRA, Elivelton Souza  
CASTILHO, Erotilda Ramires  
RAMOS, Natanael Felix

Os participantes da pesquisa foram especificamente os alunos (as) da etnia Tikuna da Escola Estadual Indígena Almirante Tamandaré. Conforme dados aproximados, a EEIAT<sup>5</sup> contava em média com novecentos e trinta e sete (937) alunos dessa etnia matriculados, no momento da seleção escolhemos a turma do 2º ano do ensino médio 02, turno noturno, da comunidade indígena Umariacú II.

Durante a pesquisa de campo, aplicamos o questionário na Escola dos participantes, onde explicamos as questões propostas e incentivamos os alunos a responderem. A entrevista não foi realizada com todos os participantes, somente com aqueles em que houve a necessidade de complementar uma ou outra resposta contida no questionário. Portanto, elas aconteceram após a aplicação do questionário e das informações constantes nele.

A partir daí, fizemos as gravações de áudios com celular digital modelo (*Huawei* y 7 memória, 32 gb).

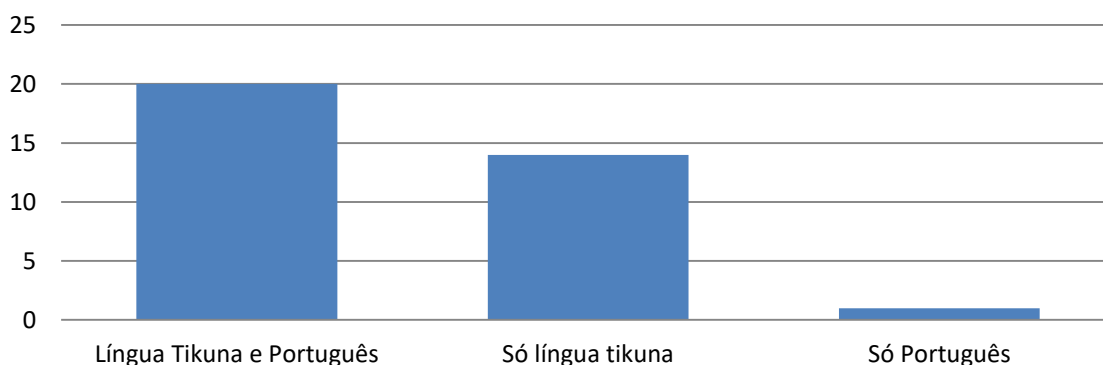
## ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste item iremos tratar dos resultados da pesquisa, que serão demonstrados em forma de gráficos.

### Perfil Sociolinguístico dos Participantes

Para identificar a(s) língua (s) correntemente falada (s) pelos participantes, a pergunta “Que língua você fala?” foi elaborada com o intuito de conhecer a(s) línguas(s) de uso e identificar a situação sociolinguística do grupo. Assim, passamos à descrição dos resultados obtidos, ilustrados no Gráfico 1, a seguir:

Gráfico 01- Que língua(s) você fala ?



Fonte: PEREIRA, Elivelton Souza  
CASTILHO, Erotilda Ramires  
RAMOS, Natanael Felix

<sup>5</sup> Sigla da Escola Estadual Indígena Almirante Tamandaré, situada na Comunidade Indígena de Umariacú II.

Conforme podemos observar no gráfico, 20% dos alunos disseram ser bilíngues em língua tikuna e português, 14% dos participantes disseram falar só língua tikuna, 1% um aluno diz falar só português. Esse resultado constante no gráfico 1, mostra que a maioria dos participantes falam a língua Tikuna e Portuguesa. Encontramos um (1) participante que se autodenomina Tikuna, mas não fala a língua indígena. Sobre esse dado, é importante esclarecer que esse participante foi convidado para a entrevista, a fim de procurarmos identificar o motivo de não falar a sua língua. Na entrevista o participante nos disse a razão, o pai não é indígena, só a mãe dele é indígena, mas não ensinou a língua tikuna para o filho. Dentre as razões, nos disse que a maioria dos indígenas sofreram preconceitos, por terem tido dificuldade na Escola “do branco” em relação à Língua Portuguesa (L2), além de sofrerem preconceito por serem índios, por isso optaram a ensinar ao filho a língua Portuguesa e fazer dela a língua de uso.

Na sequência, transcrevemos um trecho que exemplifica a fala do aluno participante que não fala a língua tikuna.

1) Participante: *Quando eu era criança a primeira língua que aprende a falar é língua português, porquê o meu pai é civilizado, eles falavam comigo só língua portuguesa. Até hoje falam comigo na língua portuguesa, porque a gente morava em Manaus a partir dos 9 anos, e agora voltamos para a aldeia da minha mãe, porque ela é indígena e eu tive que estudar aqui, aprendi alguns palavras da língua tikuna, mas não sei falar, só falo o português.*

Esse participante da nossa pesquisa não fala Língua Tikuna, porque o pai não é índio, mas a mãe dele é Tikuna, ela casou com não é indígena e mudou para Manaus, os filhos nasceram lá e cresceram também, não falavam a língua tikuna, só dominam a língua portuguesa. Pois o filho deles estudou na escola dos brancos, por isso que ele domina só a língua portuguesa. A mãe não ensinou a língua tikuna por causa do preconceito que muitos brancos têm por indígenas.

A maioria dos participantes se declararam bilíngues Português/Tikuna, foi essa situação linguística encontrada no local da pesquisa. Pois eles usam as duas línguas na escola, com colegas e professores civilizados e mesmo com professores tikuna na sala de aula. Alguns também usam as duas línguas em casa, porque alguns da família casam com não é indígenas, por isso, em casa, falam as duas línguas e ensinam os filhos a língua portuguesa. A comunidade indígena de Umariacú II, fica localizada bem próxima à área urbana de Tabatinga, na tríplice fronteira, por isso que os alunos têm facilidade de dominar as duas línguas e também o Espanhol, até porque há a oferta de ensino de Espanhol na Escola. Entretanto, na nossa pesquisa

não investigamos a porcentagem de alunos que falam também o Espanhol, o foco foi o bilinguismo português/tikuna.

Pelo resultado encontrado, na comunidade de Umariacú II, a maioria dos alunos da Escola investigada dominam a língua portuguesa, como segunda língua. Diante desses resultados, os participantes dessa pesquisa se identificam, em sua maioria como bilíngues Português/Tikuna, há um (1) casos de monolíngüístico (Português).

Portanto, o bilíngue aqui foi identificado sob o viés do bilinguismo social em que duas línguas são usadas nos mesmos espaços socioculturais, amparando-nos no que conceituar Hamel (1988): bilinguismo social é a coexistência ou co-presença de duas línguas nos mesmos espaços socioculturais (HAMEL, 1988). Desse modo, atribuímos aos Tikuna da série e escola investigada, a condição sociolinguística de bilíngues, visto que uma comunidade bilíngue é aquela em que se falam duas línguas, ou em que seus membros, ou parte deles, são bilíngues.

### **Domínios Discursivos dos Participantes**

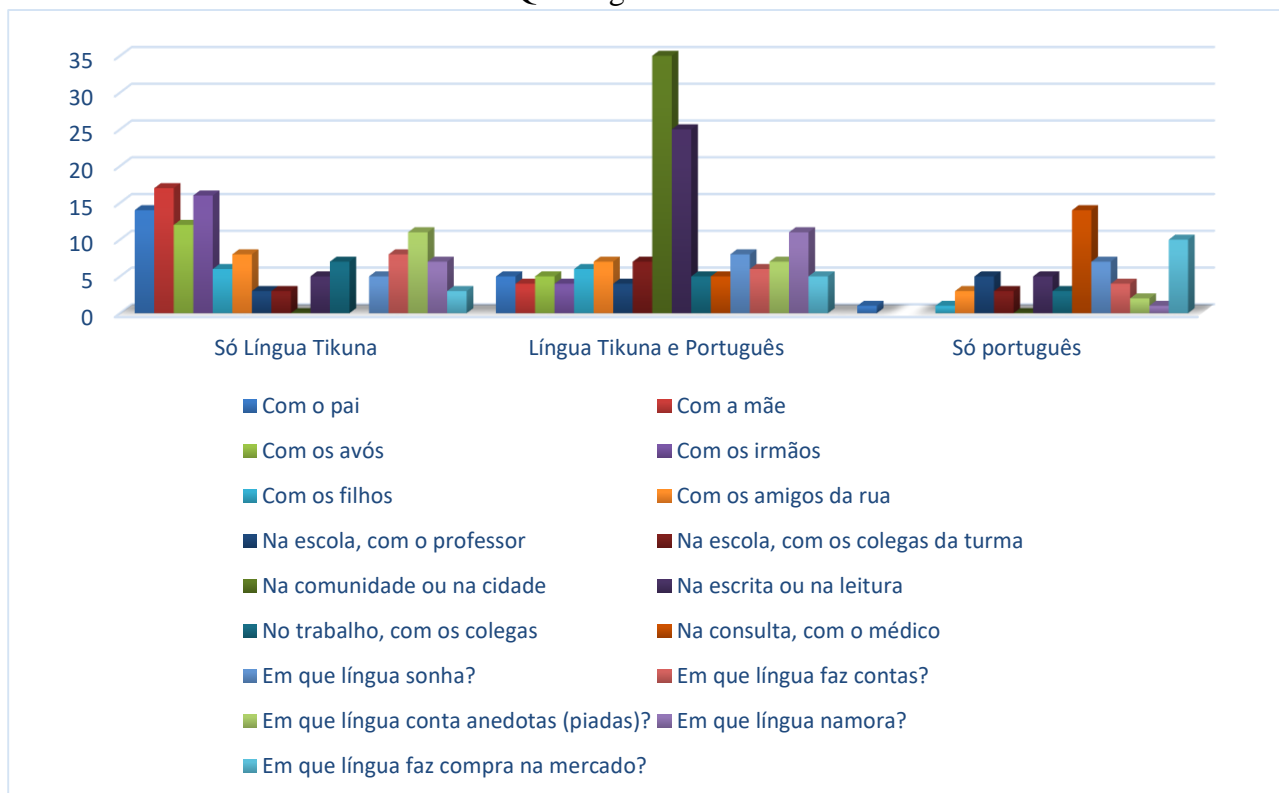
Autores como Weinreich (1970 [1953]) e Fishman (1972) distinguiram, cada um, um número diferenciado de domínios/âmbitos de uso da língua, nessa perspectiva as funções das línguas em uma comunidade bilíngue, podem ser analisadas e classificadas de diferentes modos. Sendo assim, a divisão em domínios específicos, segundo os autores, é que caracteriza a diglossia, um importante fator a se considerar na análise da manutenção de uma língua minoritária. Appel e Muysken (1996) afirmam que, no processo de substituição de uma língua por outra, cada vez mais falantes usam a língua majoritária em âmbitos em que antes era empregada a minoritária. Já Fishman (1972), afirma que, em uma situação de bilinguismo com diglossia, uma comunidade não pode manter as duas línguas sobre uma base estável, se elas estiverem sendo usadas nas mesmas funções sociais, a menos que esse bilinguismo social tenha uma “compartimentalização sociolinguística funcional institucionalmente protegida”.

Para Fishman (1972), os domínios sociais correspondem a “construtos socioculturais”, os quais devem ser identificados a partir de uma análise empírica da realidade da comunidade estudada. Assim, delimitamos os domínios em que o referido grupo se move entre as duas línguas, ou seja, os locais onde acontecem as interações, que vai desde o ambiente doméstico (família) e na escola ao ambiente mais formal, no caso na cidade ou Universidade. Considerando que os Tikuna, em suas relações sociais se movem entre duas línguas dependendo do ambiente e do grupo de referência.

Nesse item, apresentaremos os domínios discursivos dos alunos da Escola pesquisada, para tanto foi elaborada a seguinte pergunta: “Que línguas usa?”.



Gráfico 02: Que línguas usa?



Fonte: PEREIRA, Elivelton Souza  
 CASTILHO, Erotilda Ramires  
 RAMOS, Natanael Felix

Podemos verificar no gráfico 02, que os participantes em geral declararam praticar o bilinguismo nos diversos domínios discursivos. Eles necessitam se comunicar em língua portuguesa, em alguns domínios, seja para receber atendimento médico na UPA, atendimento nos bancos, cartório, casas lotéricas, nos órgãos públicos: como Prefeitura, INSS, SESAI, vender, comprar, estudar na faculdade, conversar com o professor, escrever, ler mensagens e conseguir emprego fora da comunidade, pois é essencial que o indígena domine a língua portuguesa.

Diante dessas necessidades a relação com o “branco” tem cada vez mais motivado o uso do Português nas diversas interações sociais desse povo. (CARVALHO, 2017).

Segundo Maher (1996) a utilização da língua dominante tem colaborado para o estabelecimento de uma identidade indígena pan-étnica.

Concordamos com a autora, pois é no momento em que a língua dominante passa a ser utilizada para exercer uma função comunicativa nos rituais religiosos, que se corre o risco de que as línguas indígenas terminem sendo abandonadas para este fim. O ideal é que nesse ambiente, possam ser utilizadas as duas línguas.

Percebemos também, com esses resultados que é importante que os alunos indígenas dominem e usem as duas línguas, já que eles necessitam dessa mobilidade, pois não vivem mais isolados e precisam usar a Língua Portuguesa em ambientes fora da Comunidade, como usar transportes coletivos para ir à cidade ou mesmo solicitar alguma informação.

A motivação para que os indígenas aprendam o Português está também ligada à situação de contato, já que a língua portuguesa é a língua oficial e de uso formal. Esses participantes garantem que aprender uma segunda língua não significa abandonar sua língua materna, sua cultura tradicional. Segundo Maher (1996),

O sujeito bilíngue tem sido definido na literatura sociolinguística como sendo aquele que tem o controle de duas línguas equivalente ao controle dos falantes nativos destas línguas em todos os domínios. (MAHER, 1996, p. 56).

Portanto, como podemos verificar nos dados contidos no Gráfico 2, os participantes dessa pesquisa em sua maioria, utilizam as duas línguas nos diversos domínios de uso, seja em casa ou na Escola. Assim, mostra-se que, no geral, nenhuma língua está se sobrepondo à outra, não há uma situação de diglossia no local pesquisado e sim uma situação de bilinguismo, conforme a autora exemplifica, mesmo que o Português esteja sendo utilizado dentro da Comunidade, em casa ou na Escola, o objetivo é a mobilidade que a língua oficial possibilita. (MAHER, 1996)

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O objetivo desse trabalho foi investigar a influência do português, como segunda língua, nos usos linguísticos dos alunos tikuna no ambiente escolar e familiar. O local da pesquisa foi a Escola Estadual Almirante Tamandaré e a população pesquisada foram os alunos tikuna do 2º ano, do ensino médio, da referida Escola, localizada na comunidade Tikuna de Umariacú II.

De acordo com os resultados, verificamos que a língua Tikuna é de modo geral falada na escola indígena, na comunidade e na vida cotidiana, entretanto observamos que a língua portuguesa tem ganhado espaço dentro da comunidade, em ambientes que antes eram dominados somente pela língua Tikuna, Mas, esse uso da língua portuguesa nesses domínios se dá, apenas pelo fato da mobilidade socioeconômica dos Tikuna, pois eles necessitam praticá-la para poderem se comunicar fora da Comunidade, bem como outros motivos advindos da necessidade ou intuito de cursar um curso superior e até mesmo trabalhar fora da comunidade.

Para chegarmos aos resultados alcançados foram trabalhadas duas questões, uma para determinar a situação sociolinguística dos participantes e a outra para verificar os domínios discursivos de ambas as línguas, por isso elaboramos a primeira questão que foi que língua ou

línguas você fala? Através dessa questão foi possível determinar os participantes como bilíngues. A segunda questão: Que língua (s) usa? Teve o objetivo de verificarmos os domínios de uso das duas línguas, onde foi possível observarmos a condição de bilíngues dos participantes, pois na maioria dos domínios discursivos eles usam a duas línguas, sem uma se sobrepor sobre a outra.

A partir daí foram elaborados dois gráficos para a discussão dos resultados referente às questões propostas. Pelo resultado encontrado, verificamos que a necessidades de relação com o “branco” tem cada vez mais motivado o uso do Português nas diversas interações sociais desse grupo.

Entretanto, esses participantes garantem que aprender uma segunda língua não significa abandonar sua língua materna, sua cultura tradicional. Por isso, o fato de serem bilíngues advém da própria necessidade do contato.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

APPEL, R.; MUYSKEN, P. Bilinguismo y contacto de lenguas. Trad. Anxo M. Lorenzo y Clara I. Bouzada Fernández. Barcelona: Editorial Ariel, 1996.

CARVALHO, A. L. F. Atitudes Linguísticas de Universitários Tikuna: Uma Análise da Situação do Contato Português/Tikuna. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal Fluminense, 2017.

FISHMAN, J. A. Language and Ethnicity: The View from Within. In: COULMAS, F. (ed). The Handbook of Sociolinguistics. Blackwell Publishing, 1972.

FRANCHETTO, B., LEITE, Yonne. A concepção dos lingüistas. Campinas: IEL: Ed. da UNICAMP, 1983. (Cadernos de estudos lingüísticos, 4).1994.

GROSJEAN, F. Life with two languages: an introduction to bilingualism. 11ª impressão. Cambridge, Massachussetts, London: Harvard University Press, 2002.

HAMEL, Rainer Henrique. Direitos linguísticos como direitos humanos: debates e perspectivas. (1988).

MAHER, T.M. "O Ensino de Língua Portuguesa nas Escolas Indígena" in Em Aberto, Brasília, ano 4, nº 14, jul/set. 1994.

SAVEDRA, M. M. G. Bilinguismo e bilinguadade: o tempo passado no discurso em língua portuguesa e língua alemã. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 1994. (inédita)

WEINREICH, Uriel. Languages in contact. New York: Linguistic Circle of New York, 1970 [1953].